

DE ONDE TUDO COMEÇOU: A CRÍTICA SOBRE EÇA DE QUEIRÓS NO BRASIL

WHERE EVERYTHING STARTED: THE GENESIS CRITICS ON EÇA DE QUEIRÓS IN BRAZIL

Cristiane Navarrete Tolomei*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar dois textos fundadores da crítica queirosiana brasileira. De um lado, o primeiro texto jornalístico acerca da obra de Eça de Queirós assinado por Machado de Assis no periódico carioca *O Cruzeiro*, de 1878; do outro lado, o primeiro livro publicado no mundo sobre a vida e a obra do escritor português denominado *Eça de Queiroz*, de 1911, escrito por Miguel Mello. Verificamos como essas leituras lançaram tendências críticas e foram concebidas como pedra basilar dos estudos queirosianos no país, destacando o método crítico de cada texto e valorizando o campo intelectual dos momentos de produção. Para a realização deste breve estudo, contamos com o apoio teórico-crítico de Benjamin Abdala Júnior (2000), Paulo Franchetti (2000), José Maria Bello (1952) e Machado da Rosa (1964) para refletir as polêmicas e equívocos na gênese da crítica literária brasileira sobre Eça de Queirós.

Palavras-chave: Eça de Queirós. Machado de Assis. Miguel Mello. Crítica queirosiana brasileira.

Abstract: This article aims to analyze two founding texts of the Brazilian Queirosian critique. On the one hand, the first journalistic text about the work of Eça de Queirós signed by Machado de Assis in the Rio newspaper *O Cruzeiro*, 1878; on the other side, the first published book on the life and work of the Portuguese writer Eça de Queirós, written in 1911 by Miguel Mello. We have verified how these readings have thrown critical tendencies and were conceived as the cornerstone of the Queirós studies in the country, highlighting the critical method of each text and valuing the intellectual field of the moments of production. In order to carry out this brief study, we have the theoretical-critical support of Benjamin Abdala Júnior (2000), Paulo Franchetti (2000), José Maria Bello (1952) and Machado da Rosa (1964) to reflect the controversies and misunderstandings in the genesis of Brazilian literary criticism about Eça de Queirós.

Keywords: Eça de Queirós. Machado de Assis. Miguel Mello. Brazilian Queirosian Criticism.

1

* Professora doutora do departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão

Este artigo apresenta um recorte inicial da fortuna crítica sobre a vida e a obra de Eça de Queirós no Brasil com a primeira leitura jornalística realizada na imprensa em 1878 e a primeira crítica em formato de livro em 1911.

Sobre a primeira, a famosa e por tantas vezes citada, a crítica de Machado de Assis no jornal *O Cruzeiro*, do Rio de Janeiro, em 16 de abril de 1878, sendo retomada no mesmo periódico em 30 de abril do mesmo ano, é responsável por abrir caminho para que outros brasileiros se interessassem pela obra queirosiana e passassem a divulgá-la, interpretá-la, analisá-la e considerá-la como patrimônio comum entre Brasil e Portugal. Convém observar que o método crítico de Machado atraiu outros estudiosos da época, passando a orientá-los e, por consequência, Machado começava a destacar-se como um dos principais mediadores críticos entre o texto ficcional e o leitor do século XIX. Ademais, a sua crítica é tomada até hoje como modelo para muitos queirosianos, daí a importância de revisitá-la.

Do texto de Machado até o ano da primeira publicação crítica em formato de livro no Brasil, em 1911, os leitores brasileiros intensificaram a sua aproximação com a obra de Eça de Queirós, dando início ao chamado culto ao escritor português no país. Esse processo de conhecimento da obra queirosiana dá ao Brasil lugar de destaque na divulgação e análise dos textos queirosianos, já que a recepção no país foi mais intensa do que em Portugal.

As duas primeiras décadas do século XX foram marcadas pelas publicações póstumas e inéditas de Eça no Brasil e no mundo, além do aumento considerável de estudos sumários sobre a biografia e a obra do escritor. Foi nesse momento que surgiu o primeiro livro no mundo dedicado exclusivamente à pesquisa sobre o autor português escrito por Miguel Mello intitulado *Eça de Queiroz* (1911). Em vista disso, Miguel Mello foi o pioneiro a balizar com mais fôlego a obra e a vida de Eça de Queirós, vincando tendências críticas as quais seriam insistentemente instrumentalizadas, mas com o tempo assumiriam, na segunda metade do século XX, uma feição roçada e ultrapassada,

2

Machado de Assis ressaltara que por ele poderia dispensar-se de voltar a falar do artigo que escrevera sobre Eça de Queirós, afirmação anunciada pelo brasileiro quando fora

49

praticamente obrigado a retomar a sua crítica de 16 de abril de 1878 no periódico carioca *O Cruzeiro*, depois de 14 dias, em função da grande polêmica gerada, a partir dali, acerca de sua crítica ao romance *O primo Basílio* (1878). Também, como ele, poderia dar-se por encerrada a discussão em torno da crítica do realista brasileiro, visto que esta já foi exaustivamente discutida pela historiografia literária brasileira e portuguesa, entretanto, ela ainda é motivo de debate e, sobretudo, considerada, a pedra basilar de todas as críticas que surgiriam posteriormente, portanto, a relevância de seu estudo.

A crítica de Machado de Assis fora e ainda é tomada com extremo respeito e valorizada na forma como trata a obra queirosiana. Além de ser considerada a responsável pela abertura e divulgação da produção artística do escritor português no Brasil, a crítica machadiana, segundo Paulo Franchetti (2000), também “até hoje orienta a apreciação crítica de *O primo Basílio* no Brasil, sendo citada praticamente toda vez que se analisa o romance de Eça” (FRANCHETTI, 2000, p. 48).

O texto crítico de Machado de Assis pode ser dividido em dois momentos: o primeiro, uma análise da obra queirosiana em torno da nova tendência literária que surgia na época, o Naturalismo, de Zola; e o segundo, uma análise do que Machado entendia ser os problemas de concepção e de construção do texto de Eça, especificamente, no tratamento da criação dos personagens e da estrutura narrativa. Ao comentar o primeiro momento, José Maria Bello (1952) ressalta que o artigo de Machado foi um exemplo de uma “crítica de defeitos”:

Creio que ninguém antes, no Brasil e, possivelmente, em Portugal, teria posto em relevo com tamanha acuidade e tamanha severidade os aspectos falsos do *Naturalismo*. Creio também que ainda não se teria feito uma apreciação tão penetrante dos dois grandes romances de Eça de Queirós. Penetrante, mas muitas vezes de clamorosa injustiça, porque inspirada por evidente prevenção (BELLO, 1952, p. 155).

Na concepção de Bello, já é possível averiguar o tom polêmico da crítica machadiana, pois ao mesmo tempo em que ela representaria a melhor crítica, seria também o terreno de batalha entre naturalistas e aqueles que se colocavam contra a nova corrente literária. Para ilustrar isso, retornar-se-á às primeiras linhas da crítica de Machado:

Um dos bons e vivazes talentos da atual geração portuguesa, o Sr. Eça de Queirós, acaba de publicar o seu segundo romance, *O Primo Basílio*. O primeiro, *O Crime do Padre Amaro*, não foi de certo a sua estreia literária. [...] *O Crime do Padre Amaro* revelou desde logo as tendências literárias do Sr. Eça de Queirós e a escola a que abertamente se filiava. O Sr. Eça de Queirós é um fiel e aspérrimo discípulo do Realismo propagado pelo autor do *Assomoir* (ASSIS, 1946 [1. ed. 1878], p. 160-161).

Machado, ainda vinculado aos preceitos românticos¹, advertira os leitores da sua época sobre o posicionamento estético-literário embasado no realismo-naturalismo. Assim, verifica-se que o crítico brasileiro passara a fazer um levantamento do que seriam os problemas do Naturalismo, cujos “defeitos” atingiriam, segundo o nosso escritor, a produção do romance de Eça.

Este homem tem faculdades de artista, dispõe de um estilo de boa têmpera, tem observação; mas o seu livro traz defeitos que me parecem graves, uns de concepção, outros da escola em que o autor é aluno, e onde aspira a tornar-se mestre; digamo-lhe isto mesmo, com a clareza e a franqueza a que têm jus os espíritos de certa esfera (ASSIS, 1946 [1. ed. 1878], p.175).

Nesse excerto, Machado de Assis não esconde a admiração por Eça, todavia, condena o posicionamento estético do escritor português e abre caminho para o segundo aspecto de sua crítica, ao apresentar o que entende ser as imprecisões narrativas do *Primo*, empregando, para tanto, os pressupostos da escola naturalista. O crítico brasileiro considerara pouco convincente a construção dos personagens, principalmente o de Luísa, assim como mal elaborada a trama:

Luísa é um caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo autor é antes um títere do que uma pessoa moral.
Repito, é um títere; não quero dizer que não tenha nervos e músculos; não tem mesmo outra coisa; não lhe peçam paixões nem remorsos; menos ainda consciência (ASSIS, 1946 [1. ed. 1878], p. 165).

Para Machado de Assis, havia em *O primo Basílio* duas tramas: a de Luísa e Basílio e a de Luísa e Juliana. Nesse aspecto, a principal contestação à crítica de Machado refere-se à

¹ O foco deste artigo não é discutir sobre as fases da obra de Machado de Assis, a respeito da redefinição do romantismo na obra machadiana indica-se a leitura de: Crestani, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: EDUSP, 2009.

elucubração deste sobre a hipótese de Juliana não descobrir as cartas e acabar o conflito e, portanto, acabar ali o romance. Machado queria demonstrar com isso que a trama entre Luísa e Juliana nada tinha a ver com o triângulo amoroso Luísa, Jorge e Basílio. Muitos críticos, no entanto, entenderam que Machado, dessa forma, estaria propondo outro romance e não aquele que Eça de fato escrevera, o que invalidaria sua crítica.

Apesar de Machado ter condenado alguns aspectos do *Primo*, não negara o mérito do texto, quer pelo estilo empregado por Eça, quer pela boa elaboração da personagem Juliana, considerando-a “o caráter mais completo e verdadeiro do livro [...]” (ASSIS, 1946 [1. ed. 1878], p. 167). E, além da construção dos personagens em *O primo Basílio*, Machado apresentara uma preocupação em torno do decoro do texto, especialmente, no que julgava como emprego excessivo de erotização.

Parece que o Sr. Eça de Queirós quis dar-nos na heroína um produto da educação frívola e da vida ociosa; não obstante, há aí traços que fazem supor, à primeira vista, uma vocação sensual. A razão disso é a fatalidade das obras do Sr. Eça de Queirós – ou, noutros termos, do seu Realismo sem condescendência: é a sensação física. [...] Ora, o tom é o espetáculo dos ardores, exigências e perversões físicas. Quando o fato lhe não parece bastante caracterizado com o termo próprio, o autor acrescenta-lhe outro impróprio (ASSIS, 1946 [1. ed. 1878], p. 170-171).

Nesse trecho, nota-se que Machado considerara que, em função dos preceitos naturalistas, o romance de Eça se tornara apelativo. Acreditava ser desnecessário o uso do erotismo do modo como o fizera o autor português. Em vista disso, Machado atacara mais uma vez a nova estética com base na construção do enredo e na presença do que acreditava ser imoral.

Se eu tivesse de julgar o livro pelo lado da influência moral, diria que, qualquer que seja o ensinamento, se algum tem, qualquer que seja a extensão da catástrofe, uma e outra coisa são inteiramente destruídas pela viva pintura dos fatos viciosos: essa pintura, esse aroma de alcova, essa descrição minuciosa, quase técnica, das relações adúlteras, eis o mal. A castidade inadvertida que ler o livro chegará à última página, sem fechá-lo, e tornará atrás para reler outras (ASSIS, 1946 [1. ed. 1878], p. 184-185).

Mais do que condenar o erotismo em *O primo Basílio*, Machado reprovava a concepção naturalista do romance, apontando para o que entendera ser sua imperfeição artística. A respeito desse assunto, o estudioso português Machado da Rosa (1964) manifesta-se da seguinte forma:

A originalidade da crítica machadiana assentava num sistema de ideias em que se fundia uma visão aparentemente pragmática dos movimentos romântico e naturalista com uma penetração excepcional dos fenômenos psicológicos e da verdade moral. [...] Machado negava que o Realismo de Eça no *Primo* ministrasse qualquer ensinamento moral. [...] Quer dizer, a obra literária tem que ser a idealização dramática de uma dor moral. Desse princípio, tão radicalmente ausente dos postulados naturalistas que constituíam a novidade e a atração de momento, talvez derive a maior força de Machado como crítico de Eça – e, por ironia, a sua fraqueza (ROSA, 1964, p. 226-228).

Machado da Rosa, no seu estudo sobre a aproximação entre Eça e Machado, afirma que, para o escritor brasileiro, a função da literatura era a de desempenhar um papel modelar e não o papel polêmico e de exposição do que entendia ser a hipocrisia burguesa que o escritor português propunha ao adotar o Naturalismo de Zola.

De acordo com Paulo Franchetti (2000), a interpretação da crítica de Machado deve ser realizada tendo em consideração o lugar de onde fala o escritor brasileiro. Desse modo, a leitura sobre a crítica machadiana deve ser entendida e, por sua vez, justificada pelo fato de ele a ter escrito em um período de transição entre o Romantismo e o Realismo no Brasil e de afirmação de uma tradição literária nacional. Destarte, trazendo a visão “de um escritor empenhado na criação de uma tradição cultural no Brasil e que, por isso mesmo, lia o texto de Eça de uma perspectiva muito interessada” (FRANCHETTI, 2000, p. 49), condenando aquilo que considerava inadequado para essa tradição, o que incluía a estética naturalista.

À vista disso, as possíveis incongruências na crítica machadiana sobre o romance queirosiano se deve ao fato de que o brasileiro estava vivendo um impasse entre um Machado romântico e outro que nasceria realista. Em outras palavras, Machado de Assis vivia uma crise do ponto de vista literário, de modo que produzira uma crítica dominada por um decoro romântico, mas que já balizava as diretrizes que o norteariam em sua adoção de uma estética realista.

A crítica de Machado recebeu inúmeras leituras. À guisa de ilustração, no início até meados do século XX, um setor da crítica literária brasileira especializada em Eça – como Viana Moog, Álvaro Lins e José Maria Bello –, rejeita alguns aspectos da crítica machadiana à medida que se tratava de suposições relacionadas ao uso do condicional: “Se tal personagem fizesse isso” ou “Se ocorresse tal ação da seguinte forma”, desconsiderando o que de fato Eça escrevera. Em contrapartida, encontra-se Manuel Bandeira e Agripino Grieco assinalando que a crítica realizada por Machado sobre o *Primo* foi “a melhor página da crítica brasileira” (GRIECO, 1959, p. 131).

Na segunda metade do século XX, Roberto Schwarz, por exemplo, julga que “havia da parte de Machado uma intenção realista neste antirrealismo conservador, se o considerarmos expressão de experiência e ceticismo – o que não era na Europa, onde representava um recuo intelectual – em face do cabimento das ideias liberais no Brasil” (SCHWARZ, 2000, p. 65). Era uma postura conservadora que repensava o Realismo e a forma de representar o real. Julga-se que a crítica de Machado sobre o romance queirosiano é um grande momento da crítica literária brasileira, visto poder ser lida como a própria invenção do Realismo machadiano e como interlocução privilegiada na formação literária de Eça de Queirós e em sua difusão entre os leitores brasileiros.

Para além da polêmica entre a crítica de Machado à obra ficcional de Eça, verifica-se uma dupla função da leitura machadiana: a primeira por inaugurar no Brasil uma crítica militante e estética; e a segunda por ser responsável pela obra de Eça de Queirós adquirir lugar de destaque no cenário literário brasileiro, ganhando, a partir daí, muitos admiradores e seguidores.

3

O estudioso Miguel Mello é o pioneiro quando se trata de publicação sobre Eça de Queirós no mundo em formato de livro, sendo responsável pela primeira publicação de fôlego sobre a vida e a obra do escritor português intitulada *Eça de Queiroz* (1911).

Eça de Queiroz é publicado cinco anos antes do primeiro livro lançado em Portugal por António Ferreira Cabral Pais do Amaral e, de acordo com Mello, surgiu de forma tardia e ainda realizado por um não-especialista de Eça de Queirós. Ainda a respeito desse assunto,

Mello esclarece ao leitor que o seu texto não poderia ser considerado uma crítica literária, mas apenas apontamentos de um “admirador confesso”, que não estava preocupado em julgar o trabalho de Eça; pelo contrário, Mello enfatiza que o objetivo dele era defender o escritor português das principais acusações feitas a ele e a sua obra, indo de encontro à leitura machadiana.

Esse livro é resultado do empenho de Miguel Mello que consegue um importante documento para sua elaboração: a resposta a um questionário, via carta, dada pelo filho do escritor, José Maria Eça de Queirós, resultando em um instigante relato a respeito do pai.

Brito Broca também ressalta o aspecto pioneiro da crítica de Mello, destacando o “quanto Eça preocupava os intelectuais brasileiros da época” (BROCA, 1960, p. 123) e como, até 1914, “o culto de Eça de Queirós foi maior no Brasil do que em Portugal” (BROCA, 1960, p. 123). Mas, apesar do grande esforço de Mello, Brito Broca aponta algumas falhas no livro: “Embora trazendo como epígrafe “a obra e o homem”, o estudo ressent-se um pouco da falta de unidade, tendo resultado de artigos dispersos que o autor procurou sistematizar” (BROCA, 1960, p. 123).

Nota-se que Mello, ao analisar a obra de Eça de Queirós, escolhe dois temas básicos para nortear o seu estudo: o estilo e a linguagem queirosiana e a divisão em fases da obra do autor. No primeiro tema, o brasileiro desenvolve uma argumentação sobre a beleza da linguagem de Eça e os recursos que o escritor utilizara para que ela fosse inovadora; e, no segundo tema, Mello é categórico ao afirmar que a obra de Eça apresentara naturalmente uma divisão, que acompanhava o temperamento do escritor: uma primeira fase, englobando os livros mais revolucionários e progressistas, já que Eça era jovem e vivia as discussões sociais mais de perto em Portugal; e uma outra fase, reunindo as últimas publicações, consideradas conformistas, retratando um Eça mais maduro. Assim, o crítico brasileiro lança as primeiras diretrizes de estudo sobre a obra queirosiana na perspectiva biográfica e impressionista.

Miguel Mello destaca o estilo de Eça de Queirós como sendo uma de suas principais características, assinalando que, mediante o seu estilo inovador para a segunda metade do século XIX, o escritor português se tornara figura importante nas letras. A forma de escrever de Eça é descrita da seguinte forma por Mello:

Maravilha-nos a fluência cantante do seu estilo, sem arestas nem rugosidades, num rolar de períodos sonoros, mordendo fundo o ouvido. Encanta-nos, tão espontâneas lhe sabem as ardilezas de expressão, a certeza de ter sido a sua pena guiada por um temperamento extraordinariamente simpático. Cada um de nós tem a impressão de serem aquelas linhas buriladas por um amigo incomparável, para nosso gozo pessoal (MELLO, 1911, p. 6-7).

Destacam-se desse trecho três expressões: “impressões”, “por um amigo incomparável” e “para nosso gozo pessoal”. Na primeira, “impressões”, verifica-se a presença da crítica impressionista, inserida em uma parcela dos estudos críticos que defendiam a emissão de juízos subjetivos ou, em outras palavras, um posicionamento crítico embasado em sensações pessoais sobre uma produção literária. Na segunda, “por um amigo incomparável”, destaca-se o desejo de aproximação com o objeto de estudo ou, no caso de Mello, com o criador da obra. Essa proximidade, entrando já na terceira expressão, é recorrente na crítica queirosiana da primeira metade do século XX, porque os críticos desse período concebiam a obra de Eça como algo muito familiar, de modo que se sentiam ligados àqueles textos “por gosto pessoal”. Evidenciavam o prazer da leitura e não a necessidade de sua função social, o que sugere um caminho oposto ao de Machado de Assis que via, na produção literária, papel de reflexão da realidade.

Miguel Mello, analisando a obra de Eça, é capaz de verificar que a ironia fora um elemento visceral da produção queirosiana e importante recurso de crítica política já que, por meio dela, o autor português atingira “a fundo uma sociedade em desmantelo” (MELLO, 1911, p. 12) e, especialmente, de acordo com o crítico brasileiro, Eça trouxera a coragem de levantar o cenário deprimente de um país dominado pelo passado. Sobre isso, Mello afirma: “Eu, de mim, só tenho louvores para o homem que veio quebrar a rotina dos insinceros elogios, dos tradicionais louvores às mesmas inferioridades da Pátria, entoados pelos que dormiam na exploração das glórias extintas dos Lusíadas” (MELLO, 1911, p. 12).

Ao valorizar a presença da ironia na obra de Eça, Miguel Mello apresenta seu gosto particular pela obra do autor português mais uma vez, pois enfatiza a sua opinião quando reitera o que estava afirmando com a expressão “Eu, de mim, só tenho louvores”. Todavia, esse gosto pessoal era partilhado por muitos de seus contemporâneos, revelando que o subjetivo aqui tem seu grau de objetividade analítica.

Observa-se, na crítica de Mello, uma preocupação em torno da forma como a estética realista aparecia na obra de Eça. Ao mesmo tempo em que ele identifica os aspectos do Realismo como a crítica social, a caricatura, a psicologia dos personagens e a situação típica, que convergem em uma única imagem um todo humano social e histórico, ele nota que o autor fizera, em alguns momentos da sua escrita, uma retomada ao passado português. Embora esse posicionamento do autor causasse certo estranhamento por parte do crítico, este consegue distinguir o retrato que Eça realizara do passado de Portugal daquele idealizado por Camões e Almeida Garrett.

A perenidade das observações de Mello pode ser constatada na análise recente que Benjamin Abdala Jr. (2000) realizou de *A ilustre casa de Ramires* (1900), argumentando que Eça repudiava a resolução dos problemas de Portugal por meio do retorno ao seu passado glorioso e acrescentando a esse argumento que o autor português acreditava no presente e na realidade portuguesa. Para Benjamin, Eça criticara qualquer tipo de máscara da realidade para amenizar a verdadeira situação de Portugal: “Eça, a esse tempo, continuava a não aceitar a estreiteza desse nacionalismo folclórico, provinciano” (ABDALA JR., 2000, p. 112). De certa forma, isso já estava enunciado em Miguel Mello.

No entendimento de Mello, Eça só conseguira manifestar o seu desejo de revelar a realidade portuguesa, porque adotara como princípio, em sua obra, colocar à mostra os costumes da burguesia, a caricatura dos dirigentes portugueses, o desafio ao clero e, por último, as consequências do convencionalismo de um país decadente. Nessa perspectiva, Mello diz que a obra de Eça “é a mais encantadora porque ninguém, em nenhuma literatura, mostrou nunca saber com felicidade mais hilariante apanhar num relance o cômico, e sentir de golpe o traço caricatural das naturezas que se deformam em obediência às convenções” (MELLO, 1911, p. 15). Nesse trecho, nota-se que Mello dá à obra de Eça um caráter original e desbravador, pois, para o brasileiro, era a única que resgatava do trágico o lado cômico, que registrava as regras da sociedade e as via de maneira irônica. Salienta-se que os termos empregados pelo crítico como “encantadora” e “hilariante” mostram, mais uma vez, o seu ponto de vista pessoal diante à produção escrita do autor, sem, contudo, desqualificá-la como unilateral, já que conta com a anuência do leitor.

Mello cita a função social da linguagem da obra queirosiana para introduzir o motivo que levava Eça a produzir uma literatura realista: tanto o autor português como a sua geração viveram a transição entre a Monarquia e a República, o que resultaria em um movimento de autocrítica à imagem portuguesa. Verifica-se que, sobre isso, Mello nota na obra de Eça uma preocupação com o aprofundamento do trauma para ultrapassá-lo, por isso a necessidade de retratar a realidade, que, no caso de Eça, ocorria via ironia.

Miguel Mello ressalta que a elaboração artística com base nas observações sociais inicia um entusiasmo por parte do público, como é possível observar no trecho a seguir:

A sua audácia lhe teria granjeado apenas rancor geral, um ódio inexorável, se o seu modo de combater, a sua maneira de atacar, a ternura de seu estilo quente, as suas qualidades de meridional exuberante e afetuoso, não dispusessem a melhor parte do público a perdoar-lhe tudo. A quem recebe dos fados o mágico dom de uma linguagem tão cativante, de uma fluência tão original e estranhamente colorida, de um poder de expressão que consegue com palavras dar-nos a impressão mesma da vida, dizendo o que mais ninguém soube dizer, a esse tudo se consente, e todos os pecados se lhe redimem, ficando-se a dever-lhe ainda além disso uma gratidão bem fundada (MELLO, 1911, p. 25).

Esse trecho de Mello traduz a admiração que ele tem pela linguagem queirosiana e a persistência na tentativa de convencer os leitores de sua crítica sobre a magnitude do estilo de Eça. Percebe-se, mais uma vez, que não há uma preocupação em analisar a linguagem do autor português, mas sim uma vontade de exaltar e de qualificar a produção escrita queirosiana. Mello cita uma originalidade e uma inovação da linguagem de Eça, porém ele não produz uma crítica estilística, uma vez que o estudo do brasileiro era representativo do perfil biográfico da época. E Mello, ao abandonar a análise intrínseca da obra, retoma a crítica impressionista para realçar o prazer da leitura, o que sugere que o texto do brasileiro é uma eterna homenagem em tom retórico ao seu ídolo. E, dentro dessa comoção de Mello, ele justifica a beleza da linguagem de Eça devido ao temperamento meridional do autor.

Conforme Miguel Mello, Eça compreendia que seria por meio da literatura, que ele, mesmo estando longe de Portugal, poderia retratar os vícios e os erros da sociedade lusitana. Em vista disso, produzira uma literatura independente, como revela o trecho a seguir:

Eça de Queirós teve o nobre orgulho de se deixar em uma posição superior, sem descer a mercantilizar-se. Publicava os seus livros com plena independência, sem jamais rebaixar-se à bajulação dos críticos. Afrontando as opiniões e os melindres, atirava os seus livros francamente, deixando-os fazerem por si o seu caminho, independentes de qualquer proteção (MELLO, 1911, p. 44).

À luz de uma visão romântica sobre a postura de Eça como escritor, Mello descreve a independência e a segurança do autor português nos seus textos, o que se pode inferir que para o crítico as palavras de Machado de Assis não teriam abalado o autor português e, muito menos, teriam feito que Eça mudasse os romances *O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*. Logo, verifica-se que Mello acredita que o autor português era único, pelo motivo de que produzia uma literatura autêntica, sem preocupações com a crítica e o mercado editorial. Em nenhum instante Mello questionou o possível jogo de marketing realizado por Eça, criando uma leitura superficial do comportamento do escritor português

Miguel Mello, mais uma vez, defende Eça ao retrucar àqueles que declaravam que o autor português fora mais um “criador” do que um “observador” dos costumes de seu país. Retruca, também, àqueles que apontavam para um Eça plagiador, copista de Flaubert e da literatura francesa e, por fim, aceita o fato de Eça ser um “criador”, mas no sentido de “criar” e não de “inventar” como supunham. Mello defende o Eça criador de tipos e o compara a grandes nomes: “Criador de tipos foi Cervantes, ideando o D. Quixote e Sancho-Pança. Foi-o Shakespeare, concebendo o Hamlet, Othelo, o rei Lear, Romeu e Julieta. Foi-o Molière, produzindo o Tartufo, o Misanthropo, as Preciosas Ridículas, e tantas outras figuras simbólicas” (MELLO, 1911, p. 54).

Mello considera Eça como sendo um escritor híbrido, pois verifica que ele criara os seus tipos de forma tão minuciosa que, partindo da lógica e da imaginação, conseguira construir seus personagens de tal maneira que os aproximara da perfeição, conseguindo a “ilusão da realidade” (MELLO, 1911, p. 56).

Segundo o estudioso e mais tarde para grande parte da crítica queirosiana, a obra de Eça pode ser dividida em duas fases: a “Primeira Fase” corresponderia aos primeiros livros mais revolucionários e realistas; e a “Segunda Fase”, os últimos livros considerados de conciliação entre o autor e Portugal.

Concernente à produção da “Primeira Fase”, Mello destaca *O primo Basílio* como a grande obra-prima de Eça do ponto de vista da concepção literária; destaca *O crime do padre Amaro* do ponto de vista do social; e destaca *Os Maias* (1888) do ponto de vista do estilo e da forma.

Sobre o *Primo*, Mello é indiferente às críticas realizadas ao romance, em especial a de Machado de Assis, e afirma que “nesse livro de uma lógica sem defeitos, Eça mostra, ao lado da maldade dos adultérios de que o homem é o culpado, a futilidade da educação das mulheres: desde o colégio, do qual Luísa e Leopoldina se lembram como de um lugar de vícios” (MELLO, 1911, p. 62). Desse modo, verifica-se que o brasileiro defende a construção de uma narrativa didática, que apontaria a educação viciosa da mulher como sendo um grande mal da sociedade, responsável pela “dissolução da família” (MELLO, 1911, p. 63) e aponta para homens como Basílio, que se aproveitavam da situação, surgindo como uma “encarnação horrível de um egoísmo de argentário, ante cujo ceticismo prático todas as mulheres, mães, esposas, filhas, irmãs ou primas, são todas igualmente fêmeas, é um adventício que caracteriza perfeitamente o homem metalizado pela preocupação absorvente do dinheiro” (MELLO, 1911, p. 63).

Além desses dois personagens tipos, Mello cita também os que ele considera personagens secundários: Juliana, Acácio, Sebastião, Ernesto Ledesma e Julião Zuzarte. Embora todos fossem importantes, Mello concorda com Machado de Assis no momento em que este destacara a criada como a personagem melhor elaborada por Eça.

Se Mello concorda com Machado de Assis quanto à criação de Juliana, discorda do argumento machadiano de que, no *Primo Basílio*, existiam problemas de construção. Para Miguel Mello, a perfeição desse romance era incontestável, visto que ele o concebe aberto a diversas leituras.

Sobre o *Crime*, Mello, por sua vez, já não o defende de forma tão contundente como o fez com o *Primo*. Ele levanta, por exemplo, uma “frouxidão com que a São Joaneira assiste ao progresso da intimidade suspeita que vai ligando criminosamente o Padre Amaro a Amélia” (MELLO, 1911, p. 65). Mas, embora tenha visto o que ele considera “falha” durante a construção da narrativa, Mello ressalta a importância do livro na elaboração de um retrato do clero corrompido, ou melhor, “o estudo da dissolução do clero, pelo absurdo do celibato exigido

de sacerdotes em promiscuidade com o mundo moderno, esse tema primordial da obra, é magnificamente tratado” (MELLO, 1911, p. 66).

Longe dos elogios desferidos às duas primeiras obras de Eça, *Os Maias*, segundo o crítico, só tivera destaque na elaboração de sua “interessantíssima galeria de caricaturas dos grandes homens encarregados da direção de Portugal” (MELLO, 1911, p. 73). Fora esse fato, que trazia o cenário cômico dos ministros, dos diretores de instrução pública, dos conselheiros e dos deputados, o livro, para Mello,

era exagerado na descrição do meio português e o fio que prende todas as cenas reveladoras da decadência dos homens públicos, o drama do personagem principal e sua amante, esse, melhor ficaria, de fato, num segundo plano, porque, isolado, desprendido de todos os acessórios que a mim se me figuram o encanto capital do livro, ele revelaria inúmeros defeitos (MELLO, 1911, p. 73-74).

Ademais, Mello acusa o livro de inverossimilhança, com base nas atitudes de alguns personagens. Por exemplo, quando ocorreu o “descaso” de Afonso da Maia sobre o nascimento da sua neta, julgando-a morta antes mesmo de realizar, efetivamente, uma busca por notícias concretas da existência da criança. Outro exemplo foi o total abandono de Monforte, que não procurou nem ver o filho Carlos.

Não obstante, fazendo justiça aos *Maias*, o crítico brasileiro defende algumas de suas construções textuais que revelam uma perfeição, “não conseguida por nenhuma outra obra de arte da literatura portuguesa” (MELLO, 1911, p. 79). Ele destaca três cenas: “a visita de Carlos a Maria Eduarda, na tarde de sua declaração de amor; à rua de S. Francisco: a ida de Castro Gomes ao Ramalhete; a subsequente entrevista de Carlos e Maria nos Olivais” (MELLO, 1911, p. 78-79). Verifica-se que a escolha de Mello não é casual e apresenta um único motivo: a dramaticidade.

Em relação aos livros da “Segunda Fase”, Miguel Mello monta um quadro que pode ser compreendido da seguinte forma: *A relíquia* (1887), como sendo um livro dividido em dois momentos: o primeiro, em que o escritor cria um sonho da reconstrução histórica da Galileia e da época da morte de Jesus; e, o segundo, em que o escritor faz uma sátira à vida devota. *O mandarim* (1879), como sendo uma fábula sobre o dinheiro. *A correspondência de Fradique Mendes* (1900), centrado na construção do personagem Fradique como sendo “um tipo de

homem moderno, superior pela elegância mundana e pela finíssima ironia” (MELLO, 1911, p. 83). *A ilustre casa de Ramires* (1900), como sendo um livro que faz parte daquela fase mais tranquila do escritor, em que ele revelara uma exaltação à pátria portuguesa quando, simbolicamente, construiria a *Casa* como metáfora de Portugal. *A cidade e as serras* (1901) como sendo um “hino de amor à terra portuguesa” (MELLO, 1911, p. 83).

Nota-se, na crítica de Mello, que por mais que ele apresente a obra de Eça como realista, ele insiste em apontar para os textos queirosianos um fundo romântico que o escritor português “não conseguiu jamais vencer” (MELLO, 1911, p. 84). E essa ideia ganha fôlego e passa a ser sustentada por queirosianos renomados do presente, que aceitam a presença da imagem fantasmagórica do romantismo na obra de Eça de Queirós.

Mesmo recebendo críticas, o estudo de Miguel Mello é a matriz da crítica queirosiana em formato de livro no mundo e é importante lembrar que o seu texto tem, no depoimento de José Maria Eça de Queirós, filho do escritor, uma de suas principais fontes interpretativas. Em vista disso, Mello constrói a vida e a obra do realista português: um Eça polêmico, revolucionário e crítico de Portugal na juventude; na maturidade, acabara os seus dias como um admirador da cultura portuguesa, reconciliado com o seu país e com a Igreja Católica, numa espécie de “*happy end*” romântico. Assim, valendo-se das palavras de Alfredo Campos Matos, *Eça de Queiroz* é um livro que representa “um primeiro passo de assinável importância para a história dos estudos sobre E.Q.” (CAMPOS, 2000, p. 414), o qual abriu caminho para as publicações de mais fôlego sobre a vida e a obra do autor português, apesar, claro, de seus equívocos.

4

Buscou-se com este artigo colocar a lume as duas primeiras críticas acerca de Eça de Queirós no Brasil em campos discursivos, textuais e temporais diferentes: Machado de Assis valendo-se do texto jornalístico na incipiente imprensa nacional oitocentista; e Miguel Mello, já durante a abertura editorial no Brasil do início do século XX, publicando o primeiro livro sobre o escritor português no mundo. Dialogando e, por muitas vezes, contradizendo-se, as

leituras empreendidas pelos brasileiros são tomadas ou como um porto seguro a serem seguidas ou como modelos de contestação.

Na década de 1870, houve uma transformação cultural e uma atualização da informação científica e filosófica no país, resultando no desenvolvimento dos estudos literários e no surgimento de novos periódicos. A crítica, desse modo, acompanhou as mudanças, abandonando o nacionalismo indiscriminado e tentando aproximar o texto literário com a sociedade, deixando de ser meramente descritivista para tornar-se ciência.

Dentro desse cenário, encontrava-se Machado de Assis: por um lado, inspirado nos preceitos românticos; e, por outro lado, adepto às transformações que passavam a dominar a inteligência nacional, tomando o objeto de estudo de forma mais militante. A crítica desse período é marcada pelas publicações jornalísticas e a função de Machado como a dos outros críticos da época era explicar a arte ao leitor, ou melhor, educar o gosto do público; e não foi só na crítica que o nosso realista tomou essa postura, mas o fazia também na sua produção ficcional, quando mantinha diálogo constante com o seu leitor.

Mesmo a crítica no Brasil se encaminhando para um viés sociológico, Machado de Assis, assumindo uma perspectiva formal (estética) da obra de Eça de Queirós, centrara-se na análise das técnicas instrumentalizadas pelo autor português na construção das personagens e do enredo, ainda que trate também da questão do decoro e das correntes literárias.

Apesar de polêmica, a crítica de Machado sobre Eça inaugurou a fortuna crítica queirosiana no país, analisando, especialmente, os romances *O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*, sendo modelo até hoje. Contudo, não há uma aceitação absoluta à sua leitura crítica, nem na sua época, nem hoje, já que ele foi criticado por tentar (re)direcionar os romances do escritor lusitano, modificando a trama e o comportamento dos personagens. Ainda assim, a sua crítica jornalística faz parte das principais leituras sobre a obra de Eça de Queirós no Brasil e, por não dizer, no mundo.

Nas primeiras décadas do século XX, a crítica queirosiana estava condicionada a três movimentos: o primeiro, crítica que visava explicar a literatura por meio de causas exteriores, identificadas com a vida do escritor ou como contexto social da obra (críticas biográfico-psicológicas e sociológicas); o segundo, crítica que se propunha estabelecer e explicar textos, atentos às fontes e influências a que se sujeitassem as obras (crítica intertextual);

e, por último, crítica que partia da fruição da leitura e da emissão de juízos de valor baseados na sensibilidade e nas impressões pessoais causadas pela literatura (crítica impressionista).

Com relação à perspectiva biográfica, ela é a grande marca do livro de Miguel Mello, buscando na vida do autor explicações para a obra. Logo, Mello, ao aproximar a vida e a obra, possibilitou que o leitor brasileiro frequentasse a intimidade de Eça de Queirós, cultivando os aspectos artísticos e, sobretudo, pessoais do percurso do autor (seu nascimento, suas relações de parentesco, suas amizades, suas inimizades, sua posição social e econômica, sua carreira literária).

Destaca-se também na leitura de Miguel Mello a crítica impressionista, já que, por meio dela, a escrita era dominada por um tom admirativo e opinativo, enraizando na imaginação popular e, porque não na erudita, a imagem do *dândi*, dando margem a elucubrações do público brasileiro, que tomou Eça, a partir daí, como patrimônio do país.

Por fim, são leituras que ecoam e se fazem presentes em grande parte da crítica queirosiana brasileira da atualidade tanto pelo pioneirismo quanto pelo mérito, daí a relevância de retomá-las.

Referências

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Eça de Queirós, o realismo e a circulação literária entre Portugal e Brasil. In: _____. (org.). *Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: SENAC, 2000, p. 89-117.
- ASSIS, Machado de. Eça de Queirós: *O primo Basílio*. In: _____. *Crítica Literária*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946, p. 160-186.
- BELLO, José Maria. *Retrato de Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Agir, 1945.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- CABRAL, Antonio. *Eça de Queiroz: a sua vida e a sua obra*. 3. ed. Lisboa: Bertrand, 1945.
- FRANCHETTI, Paulo. Eça e Machado: críticas de ultramar. *Cult*. São Paulo, anoIV, n. 38, p. 48-53, 2000.
- GRIECO, Agripino. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

Littera Online

n.16, 2018

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

MELLO, Miguel. *Eça de Queirós. A obra e o homem*. Rio de Janeiro: Livraria Italiana e Tipografia Ramori & Cia., 1911.

ROSA, Alberto Machado da. *Eça, discípulo de Machado?* Lisboa: Editorial Presença, 1964.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000.